

Stella Ferreira Leite

A literatura indígena nas editoras comerciais brasileiras



FALE/UFMG

Belo Horizonte

2019

Diretora da Faculdade de Letras

Graciela Inés Ravetti de Gómez

Vice-Diretora

Sueli Maria Coelho

Coordenadora

Emília Mendes

Comissão editorial

Elisa Amorim Vieira

Emília Mendes

Fábio Bonfim Duarte

Luis Alberto Brandão

Maria Cândida Trindade Costa de Seabra

Sônia Queiroz

Capa e projeto gráfico

Glória Campos

(Mangá Ilustração e Design Gráfico)

Preparação de originais

Daniela Menezes

Diagramação

Alice Bicalho

Katryn Rocha

Revisão de provas

Katryn Rocha

ISBN

978-85-7758-358-4 (digital)

978-85-7758-357-7 (impresso)

Endereço para correspondência

LABED – Laboratório de Edição – FALE/UFMG

Av. Antônio Carlos, 6.627 – sala 3108

31270-901 – Belo Horizonte/MG

Tel.: (31) 3409-6072

e-mail: vivavozufmg@gmail.com

site: www.letras.ufmg.br/vivavoz

Sumário

- 5 Uma trilha para adentrarmos na floresta**
Rafael Otávio Fares
- 7 Introdução**
- 11 Literatura indígena “propriamente dita”**
- 15 O processo de início da literatura indígena contemporânea no Brasil**
- 17 Quadro por regiões do Brasil**
- 37 Entrevista com editoras**
- 43 Análises relativas às tabelas quanto a publicação de autores e etnias**
- 47 Fatores que influenciaram a literatura indígena no mercado**
- 53 Editoras e publicações da década de 1990 aos dias atuais**
- 55 Conclusão**
- 59 Referências**
- 61 Anexo: Algumas respostas de pesquisas por *e-mail***

Uma trilha para adentrarmos na floresta

A monografia de Stella Ferreira Leite intitulada *A literatura indígena nas editoras comerciais brasileiras* nos apresenta um abrangente panorama, detalhado por região, do que tem sido publicado por autores indígenas em editoras comerciais em todo o Brasil. Fato importante já que uma outra vasta produção, feita paralelamente, ocorre através de programas governamentais e ONGs, muitas vezes de forma mais coletiva, não sendo comumente comercializada para o grande público, ficando restrita às aldeias indígenas.

Diferentemente da tradição literária brasileira, onde o índio foi retratado pelos brancos, o que a produção investigada nos mostra é uma multiplicidade de experiências literárias dos próprios indígenas dos mais variados povos. A grande quantidade de livros levantados, totalizando quase duas centenas, revela uma produção extremamente rica, que explode com as representações exóticas da figura do índio e nos dá uma melhor dimensão da diversidade das narrativas que estes povos possuem.

Em entrevistas com os autores e alguns membros das editoras envolvidas, o trabalho de Stella contribui para que conheçamos como estes processos, entre indígenas e editoras, vêm se estabelecendo e quais fatores influenciam neste interesse crescente de publicarem livros indígenas, a partir da década de 1980. Dentre os motivos abordados para compreender este crescimento está a conquista de direitos pelos indígenas na Constituição Brasileira de 1988 e, mais recentemente, a Lei 11.645

de 2008, que obriga que sejam ensinadas as culturas indígenas e afro-brasileiras nas escolas fundamentais e médias.

O trabalho de Stella nesta pesquisa ajuda a tornar a literatura indígena mais acessível e, conseqüentemente, mais conhecida. Um fato fundamental, pois como nos diz Daniel Munduruku, autor com 46 títulos publicados, a literatura indígena não tem sido trabalhada em sala de aula, pois muitos ainda não acreditam que ela exista.

Rafael Otávio Fares

Introdução

Este trabalho propõe um estudo da literatura indígena inserida no mercado editorial brasileiro, tratando-se de obras publicadas por editoras comerciais e ONGs, que tenham publicado e comercializam livros de autoria indígena, e de como se deu o processo de difusão da mesma. É mostrado através de um quadro como vem sendo esse crescimento e assim, é estabelecida uma relação das editoras envolvidas, publicações, autores e regiões.

Esta pesquisa visa responder às seguintes perguntas: Como o mercado editorial contribuiu para a difusão da literatura indígena no Brasil, nas diversas regiões?; De que forma as políticas públicas (do MEC, por exemplo) influenciam o mercado editorial? e; Qual a relação disso com a Lei 11.645 e a Constituição de 1988?

Meu contato com a literatura indígena ocorreu recentemente, partindo da minha curiosidade, de saber se existia literatura escrita por povos indígenas. Frequente feiras de artesanato e os índios sempre estão nesses locais, trazendo inovações e curiosidades. Comecei a pesquisar sobre a literatura indígena, sem saber se existia e, então, deparei com muitos nomes de escritores, sendo um deles Daniel Munduruku, que possui uma lista extensa de obras. Foi através das minhas pesquisas que cheguei até a Professora Maria Inês de Almeida, atuante da área na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Entrei em contato para saber se ela poderia me ajudar a abordar tal tema dentro da questão editorial e ela me falou a respeito das editoras comerciais que poderiam

ser pesquisadas e, possivelmente, teriam publicado livros de autoria indígena. Assim, tive a ideia de trabalhar, na minha monografia, a literatura indígena no mercado editorial.

Primeiramente, será preciso definir o que vem a ser a “literatura indígena”, pois sabemos que há diversas publicações de histórias indígenas, mas, segundo os próprios índios,¹ essas são literaturas feitas pelos não índios, denominadas como “indigenistas”. Desse modo, resolvi perguntar a alguns deles o que é literatura indígena, para que eu pudesse finalmente ter uma base para o meu trabalho.

A temática da literatura indígena possui pesquisas em diversos âmbitos, o que proporciona um extenso conhecimento aos futuros interessados na busca desse conhecimento. Mas ainda há muito a ser explorado, principalmente no universo editorial. Em relação à literatura indígena no âmbito do mercado editorial, não há ainda pesquisas desenvolvidas, encontrei apenas uma dissertação chamada *As múltiplas grafias da literatura indígena*, de Amanda Machado. Este trabalho contém nomes de obras publicadas com recursos públicos e, apesar de abordar a temática de publicações de livros de autoria indígena, acaba por sair dessa temática comercial, sendo, portanto, diferente da minha proposta. O trabalho aqui proposto visa as editoras comerciais,² sejam elas independentes³ ou não, e o interesse delas em publicar obras há pouco desconhecidas.

¹ “A denominação ‘índio’ foi atribuída aos habitantes da América pelos colonizadores, que durante muito tempo chamaram a América de Índias Ocidentais. Essa denominação, além de refletir a visão do colonizador, generaliza e uniformiza grupos nacionais diferentes, apagando as especificidades de cada nação. Apesar desses inconvenientes, ela é largamente usada por estar consagrada como referência aos povos que já viviam – alguns poucos ainda vivem – na América no período pré-colombiano”. Disponível em: <<http://goo.gl/haeZJA>>.

² “A editora comercial é uma empresa estabelecida no mercado, que depende sistematicamente da comercialização de publicações para a sua sustentação. No mundo capitalista, ela ainda visa o lucro, ou seja, um faturamento superior às despesas, que permita a capitalização – o acúmulo de bens”. (QUEIROZ, Sônia (queirozsonia@yahoo.com.br). [Mensagem pessoal]. Mensagem recebida em: 30 set. 2014.)

³ Não há uma empresa de publicações, é apenas uma marca ou um selo. Não há gráficas etc. Geralmente possuem publicações voltadas para um público específico, e geralmente a primeira preocupação não é o lucro, mas sim a divulgação de ideias.

Os conceitos em que me fundamento são dados pelos próprios indígenas, através de algumas entrevistas e de leituras de obras dos próprios autores. Também me baseio em pesquisas gerais de literatura indígena, já realizadas por outros estudiosos, que podem me ajudar a descobrir o processo pelo qual os indígenas passaram para alcançarem prestígio em suas obras literárias. É importante levar em conta o levantamento feito neste trabalho para entender um pouco mais o crescimento de editoras nesse processo, variando de região para região no Brasil.

A pesquisa, em princípio, pretende apresentar um quadro relativo à literatura indígena, que tem a relevância de poder aumentar a lista de editoras, publicações, autores e pesquisadores que já trabalham com essa temática. A literatura indígena é pouco conhecida no Brasil, portanto, é importante saber como vem sendo sua evolução. Além disso, esse trabalho contribuirá com os estudos acadêmicos anteriormente realizados, no sentido de dar prosseguimento nessa linha de estudo; com os trabalhos e lutas indígenas, e principalmente a quem se interessar posteriormente, pois os estudos ainda são escassos.

Para conseguir os resultados, entrevistei alguns escritores indígenas e a maioria das editoras presentes (encontradas à medida que eu conseguia os nomes das obras e procurava em vários sites) no meu trabalho. Fiz a leitura do livro *Contrapontos da literatura contemporânea no Brasil*, de Graça Graúna, autora indígena, e do livro *Na captura da voz: as edições da narrativa oral no Brasil*, de Maria Inês de Almeida e Sônia Queiroz. Esses foram instrumentos e métodos importantes para o meu enfoque.

Para alcançar esses objetivos, a organização foi feita da seguinte maneira: primeiramente, o levantamento das editoras comerciais que publicaram livros indígenas. A partir disso, foquei na pesquisa sobre os autores mais publicados, as editoras mais presentes e assim avaliar se houve crescimento desde a década de 1990 aos dias atuais e as regiões do Brasil onde há maior predominância de publicações.

Literatura indígena “propriamente dita”

O primeiro passo é buscar o conceito da literatura indígena, pois sem isso não se entende as razões de sua importância, nem o que ela representa ou pode vir a representar dependendo de seu desenvolvimento. Portanto, dois autores indígenas e um professor universitário não indígena foram capazes de definir com muita clareza o que vem a ser essa literatura, o que ela expressa e por que precisa ser difundida.

A escritora Graça Graúna, do povo Potiguara, nascida em São José do Campestre, cita em seu livro *Contrapontos da literatura indígena contemporânea no Brasil*:

Na distinção entre literatura indígena e indigenista feita por Mariátegui, a primeira refere-se “à produção intelectual e artística realizada pelos índios, conforme seus próprios meios e códigos, [a segunda implica a] vasta criatividade que, com base em outras posições sociais e culturais [no lado ‘ocidental’] busca informar sobre o universo e o homem indígenas.”⁴

Assim, a literatura de brancos sobre índios é chamada de *indigenista*, enquanto que a literatura feita por índios é *indígena*, ou nativa.⁵ E, neste livro, a autora é capaz de identificar os preconceitos existentes

⁴ POLAR *apud* GRAÚNA. *Contrapontos da literatura indígena contemporânea no Brasil*, p. 22.

⁵ Definição feita pelo escritor Olívio Jekupé em uma entrevista ao Pindorama: “Bom, gosto de falar que nós indígenas escrevemos literatura nativa, literatura indígena é outra coisa”. Disponível em: <<http://goo.gl/JUk1Jb>>. Na concepção dele a literatura nativa é escrita por povos indígenas, já a literatura indígena é mais genérica, qualquer povo, até mesmo não indígena pode escrever. Isso difere da concepção de outros indígenas e da maioria dos pesquisadores da área. Disponível em: <<https://goo.gl/0p3KI7>>.

nas obras indigenistas, a começar pela “falsa” descrição e/ou estereótipo de como são os índios e como vivem. Geralmente eles são vistos como selvagens e grosseiros, e, em alguns casos, como seres míticos, como se fossem personagens de ficção. No entanto, ela deixa claro que essa figura que vemos dos índios são criações de obras indigenistas e não faz parte da realidade que eles vivem. Nas palavras da autora:

Os discursos equivocados a respeito dos povos indígenas reportam-nos à literatura dos jesuítas, aos diálogos de Ambrósio Fernandes Brandão, às crônicas de Pero de Magalhães Gândavo, à poesia bucólica de Basílio da Gama e de Santa Rita Durão e aos romances de José de Alencar, entre outros exemplos que se seguem; em que índio é visto superficialmente em sua identificação étnica. Sempre um marginalizado.⁶

A figura do índio que ainda perdura é consequência dessa idealização. E, portanto: “Nesses moldes, a literatura brasileira tem se revelado mais excludente do que se caracterizado pela convivência solidária na abordagem de temas relacionados ao índio”.⁷ A literatura indígena se contrapõe a isso:

A literatura indígena não reproduz os modelos reconhecidos pela instituição letrada, não procura o reconhecimento institucional a todo preço. Nela, os (as) autores (as) procuram expressar sua identidade/alteridade. Nesse sentido, ela implica uma literatura de sobrevivência para as nações indígenas e de resistência para os “brancos”.⁸

Segundo Daniel Munduruku, em uma entrevista por *e-mail*,⁹ a literatura indígena é “uma maneira nova de atualizar nossa ancestralidade”. E analisando essa frase, percebi que a literatura indígena veio para mostrar uma “nova cara”, ou seja, uma nova imagem da cultura, da arte e toda a história dos índios desde os ancestrais, contrapondo assim o pensamento ainda existente em relação a eles. A verdade é que não aprendemos literatura indígena na escola, e sim a literatura indigenista, escrita por não índios, que representa uma história distorcida a respeito do povo

⁶ GRAÚNA. *Contrapontos da literatura indígena contemporânea no Brasil*, p. 44.

⁷ GRAÚNA. *Contrapontos da literatura indígena contemporânea no Brasil*, p. 44.

⁸ BOURDEAU *apud* GRAÚNA. *Contrapontos da literatura indígena contemporânea no Brasil*, p. 60.

⁹ Em 29 de agosto de 2014.

indígena, o que, na opinião de muitos deles, chega a ser desrespeitosa. Portanto, a literatura indígena traz uma característica marcante que é a identidade desses povos. O foco maior dessa literatura é mostrar e retratar a realidade das diversas aldeias do país, seja na arte, na cultura, na espiritualidade. No livro de Graça Graúna há também uma explicação que exemplifica isso:

Manter o sagrado é preservar a identidade que Werá Jekupé procura transmitir aos parentes indígenas e aos não-índios, conforme observamos em outros livros de sua autoria mostrando o outro lado da história do Brasil na visão do índio.¹⁰

As definições dos autores acima abordam a questão da literatura indígena ser exclusivamente escrita por índios, como forma de propagar a história e modo de vida desses povos, o que difere bastante daquilo que aprendemos desde pequenos nas escolas.

O professor José Ribamar Freire¹¹ afirma que há cinco ideias equivocadas sobre os índios, sendo elas: "O índio genérico", é a ideia de que todos os índios são iguais e não diferem em culturas e línguas; "Culturas atrasadas", é pensar que os indígenas não produziram ciência, arte, literatura, música, etc.; "Culturas congeladas", são os índios sendo vistos como pessoas que vivem nuas e que carregam uma flecha; "Os índios pertencem ao passado", essa é uma ideia de que os índios fazem parte apenas da história antiga do Brasil colonial, e isso de fato anula a existência deles nos dias de hoje; e o "Brasileiro não é índio", é o fato de os brasileiros negarem qualquer vínculo genético com os índios. Essas ideias erradas, construídas desde Pero Vaz de Caminha,¹² esclarecem o porquê do surgimento da literatura indígena: "quebrar" esses preconceitos que perduram na cultura brasileira.

¹⁰ GRAÚNA. *Contrapontos da literatura indígena contemporânea no Brasil*, p. 62.

¹¹ Professor da Universidade do Amazonas, entre 1977 e 1986. Foi fundador e primeiro editor do *Porantim*, jornal do Conselho Indigenista Missionário (CIMI). Atualmente é professor da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), onde coordena, desde 1992, o Programa de Estudos dos Povos Indígenas.

¹² Escritor português nascido em 1450, na cidade de Porto, em Portugal. Era escrivão da Armada de Pedro Álvares Cabral e ficou conhecido por escrever a carta que contava sobre o descobrimento do Brasil.

O processo de início da literatura indígena contemporânea no Brasil

A década de 1970 é considerada o período em que teve início a literatura indígena contemporânea no Brasil. Nessa época ainda não se falava em um autor indígena individual, mas já se estudava o discurso indígena na área da linguística e, a partir disso, durante as décadas de 1980 e 1990 houve uma dedicação aos estudos do pensamento indígena no Núcleo de Estudos Indigenistas (NEI).¹³

Em 1975, Eliane Potiguara,¹⁴ escritora indígena, expôs um poema chamado Identidade Indígena, o qual marcou o início do movimento literário indígena contemporâneo no Brasil, por ser considerado um “grito” à sociedade, chamando a atenção para os índios e suas respectivas artes, principalmente a escrita. Ela apareceu juntamente aos escritores marginais¹⁵ brasileiros, mostrando a sua poesia indígena.

¹³ Foi fundado em 1980, no Centro de Estudos do Departamento de Letras da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE).

¹⁴ Eliane Lima dos Santos é escritora, professora formada em Educação e Letras, conselheira da Fundação Palmares, criadora do GRUMIN (Rede de Comunicação Indígena sobre Gênero e Direitos), e já recebeu prêmios por isso. Ela participou também da elaboração da Constituição Brasileira.

¹⁵ “Escritores que estão à margem da sociedade. O sentido de ‘marginal’, do ponto de vista estético-cultural, tem uma aplicação específica na história da literatura brasileira, referindo-se ao movimento da década de 70 do século XX, contrário às formas comerciais de produção e circulação da literatura, conforme o circuito estabelecido pelas grandes editoras. O resultado disso é o surgimento de obras, sobretudo poéticas, produzidas artesanalmente, a partir de um registro espontâneo da linguagem, dando lugar à proliferação de ‘livrinhos’ distribuídos diretamente pelo autor em bares, portas de museus, teatros e cinemas.” (HOLLANDA *apud* OLIVEIRA. *Literatura marginal: questionamentos à teoria literária*, p. 31.)

Na década de 1980, alguns escritores já escreviam suas obras individualmente e muitos tentaram publicá-las em editoras comerciais, mas não tiveram sucesso. Como exemplo, o escritor Olívio Jekupé, que escreveu sua primeira obra no ano de 1984, a partir do momento em que percebeu que a cultura indígena precisava ser mostrada e revelada ao povo não indígena como algo importante e que deveria ser respeitado, no entanto, não conseguiu publicar na década de 1980, época muito difícil para o Brasil, pois ainda havia a ditadura militar.¹⁶

Já no ano de 1992, o escritor indígena Werá Jekupé, juntamente com Daniel Munduruku e Roman Ketchua,¹⁷ fundaram uma comissão intertribal com o objetivo de lutar pela identidade indígena, e assim as lutas foram crescendo. As manifestações indígenas denunciavam o fato de eles serem excluídos e sofrerem preconceitos em vários campos. Esse é o ponto principal que fundamenta a literatura indígena: mostrar a identidade e realidade desses povos. Nesta mesma década, os indígenas conseguiram suas primeiras publicações no mercado, o que mostrava progresso após as manifestações.

¹⁶ "Foi o regime instaurado em 1 de abril de 1964 e que durou até 15 de março de 1985. De caráter autoritário e nacionalista, teve início com o golpe militar que derrubou o governo de João Goulart, o então presidente democraticamente eleito. O regime acabou quando José Sarney assumiu a presidência, o que deu início ao período conhecido como Nova República. Apesar das promessas iniciais de uma intervenção breve, a ditadura militar durou 21 anos". Disponível em: <<https://goo.gl/nHO9qB>>. Acesso em: 29 mar. 2016.

¹⁷ Roman Ketchua é artista plástico indígena e participou da exposição "Tesouro dos Incas: uma releitura da tradição milenar dos Andes", no Club Transatlântico, localizado na Chácara Santo Antônio, no dia 7 de maio de 2008, que teve como principal objetivo desmistificar a imagem antiquada dos índios e integrá-los à modernidade.

Quadro por regiões do Brasil

O quadro a seguir tem como foco a região de cada editora de obras de autoria indígena. Em seguida, estabelece uma relação com a região dos autores indígenas, mostrando o que levou à maior difusão da literatura indígena no Brasil, se tem ligação maior com a região. Também, nos mostra o crescimento dessa literatura a partir da década de 1990 aos dias atuais.

Autor Povo – Estado	Título	Editora	Local de edição	Data
Marcos Terena Xané – MS	O índio aviador	Moderna	São Paulo	1995
Daniel Munduruku Munduruku – AM	Histórias de índio	Companhia das Letras	São Paulo	1996
Kaká Werá Jecupé Tapuia – SP	A terra dos mil povos	Peirópolis	São Paulo	1998
Serezadbi, Hupawe, Sereburã, Hipru e Serenimrãmi Xavante – MT	Wamrême Za'ra: nossa palavra	SENAC	São Paulo	1998
Anghtichay, Arariby, Jassanã, Maguahã e Kanatyó Pataxó – MG	O povo pataxó e suas histórias	Global Editora	São Paulo	1999
Índios Ticuna/Org. Jussara Gomes Gruber Ticuna – AM	O livro das árvores	Global Editora	São Paulo	1999
Graça Graúna Potiguara – RN	Canto Mestizo	Blocos	Rio de Janeiro	1999
Kanatyó Pataxó Pataxó – BA	Txopai e Itóhã	Formato	São Paulo	2000

Região Sudeste

Autor Povo – Estado	Título	Editora	Local de edição	Data
Daniel Munduruku Munduruku – AM	O banquete dos deuses: conversa sobre a origem e a cultura brasileira	Angra	São Paulo	2000
Daniel Munduruku Munduruku – AM	Coisas de índio	Callis	São Paulo	2000
Renê Kithãulu Waikutesu – MT	Irakisu: o menino criador	Peirópolis	São Paulo	2000
Professores indígenas do Acre Kaxinawá – AC	Shenipabu Miyui: história dos antigos	UFMG	Belo Horizonte	2000
Daniel Munduruku Munduruku – AM	Kabá Darebu	Brinque-Book	São Paulo	2001
Daniel Munduruku Munduruku – AM	As serpentes que roubaram a noite e outros mitos	Peirópolis	São Paulo	2001
Daniel Munduruku Munduruku – AM	O diário de Kaxi: um curumim descobre o Brasil	Salesiana	São Paulo	2001
Daniel Munduruku Munduruku – AM	Meu avô Apolinário: um mergulho no rio da (minha) memória	Studio Nobel	São Paulo	2001
Yaguare Yamã Maraguá – AM	Purating, o remo sagrado	Peirópolis	São Paulo	2001

Região Sudeste

Autor	Título	Editora	Local de edição	Data
Povo – Estado Kaká Werá Jecupé Tapuia – SP	Oré Awé Roinu'a Ma: todas as vezes que dissemos adeus	Triom	São Paulo	2002
Daniel Munduruku Munduruku – AM	Você lembra, pai?	Global Editora	São Paulo	2002
Daniel Munduruku Munduruku – AM	A velha árvore	Salesiana	São Paulo	2002
Olívio Jecupé Guarani – PR	Iarandú, o cão falante	Peirópolis	São Paulo	2002
Olívio Jecupé Guarani – PR	Xerécó Arandu: a morte de Kretã	Peirópolis	São Paulo	2002
Daniel Munduruku Munduruku – AM	O segredo da chuva	Ática	São Paulo	2003
Daniel Munduruku Munduruku – AM	O sinal do pajé	Peirópolis	São Paulo	2003
Olívio Jecupé Guarani – PR	Arandu Ymanguaré	Evoluir	São Paulo	2003
Olívio Jecupé Guarani – PR	Verá, o contador de histórias	Peirópolis	São Paulo	2003

Região Sudeste

Autor	Título	Editora	Local de edição	Data
Povo – Estado				
Daniel Munduruku Munduruku – AM	Crônicas de São Paulo: um olhar indígena	Callis	São Paulo	2004
Daniel Munduruku Munduruku – AM	Histórias que eu ouvi e gosto de contar	Callis	São Paulo	2004
Daniel Munduruku Munduruku – AM	A palavra do grande chefe	Global Editora	São Paulo	2004
Daniel Munduruku Munduruku – AM	Contos indígenas brasileiros	Global Editora	São Paulo	2004
Daniel Munduruku Munduruku – AM	Sabedoria das águas	Global Editora	São Paulo	2004
Sulamy Katy Potiguara – PB	Meu lugar no mundo	Ática	São Paulo	2004
Daniel Munduruku Munduruku – AM	Sobre piolhos e outros afagos	Callis	São Paulo	2005
Daniel Munduruku Munduruku – AM	Os filhos do sangue do céu e outras histórias indígenas de origem	Landy	São Paulo	2005
Daniel Munduruku Munduruku – AM	Tempo de histórias	Salamandra	São Paulo	2005

Região Sudeste

Autor Povo – Estado	Título	Editora	Local de edição	Data
Yaguaré Yamá Maraguá – AM	Urutópiag): a Religião dos Pajés e dos Espíritos da Selva	Ibrasa	São Paulo	2005
Daniel Munduruku Munduruku – AM	Catando piolhos, contando histórias	Brinque-Book	São Paulo	2006
Daniel Munduruku Munduruku – AM	Histórias que eu vivi e gosto de contar	Callis	São Paulo	2006
Daniel Munduruku Munduruku – AM	Caçadores de aventuras	Caramelo	São Paulo	2006
Daniel Munduruku Munduruku – AM	O onça	Caramelo	São Paulo	2006
Daniel Munduruku Munduruku – AM	O sumiço da noite	Caramelo	São Paulo	2006
Daniel Munduruku Munduruku – AM	Um estranho sonho de futuro, casos de índio	FTD	São Paulo	2006
Kaká Werá Jecupé Tapuia – SP	Tupã Tenondé: a criação do Universo, da Terra e do Homem segundo a tradição oral Guarani	Peirópolis	São Paulo	2006

Autor	Título	Editora	Local de edição	Data
Povo – Estado				
Olívio Jecupé Guarani – PR	Ajuda do Saci: Kamba'í	DCL	São Paulo	2006
Yaguaré Yamã Maraguá – AM	O caçador de histórias Senay Kàat Haría	Martins Fontes	São Paulo	2006
Daniel Munduruku Munduruku – AM	O homem que roubava horas	Brinque-Book	São Paulo	2007
Daniel Munduruku Munduruku – AM	O olho bom do menino	Brinque-Book	São Paulo	2007
Daniel Munduruku Munduruku – AM	O menino e o pardaí	Callis	São Paulo	2007
Daniel Munduruku Munduruku – AM	Um sonho que não parecia sonho	Caramelo	São Paulo	2007
Daniel Munduruku Munduruku – AM	Uma aventura na Amazônia	Caramelo	São Paulo	2007
Daniel Munduruku Munduruku – AM	A primeira estrela que vejo é a estrela do meu desejo e outras histórias indígenas de amor	Global Editora	São Paulo	2007

Região Sudeste

Autor Povo – Estado	Título	Editora	Local de edição	Data
Daniel Munduruku Munduruku – AM	As peripécias do Jabuti	Mercuryo Jovem	São Paulo	2007
Elias Yaguakág Maraguá – AM	Aventuras do menino Kawã	FTD	São Paulo	2007
Kaká Werá Jecupé Tapuia – SP	As fabulosas fábulas de Iauaretê	Peirópolis	São Paulo	2007
Luiz Carlos Karai Guarani Mbyá – SP	Massacre indígena guarani Jurua Revê nhande kuery joguero'a águe	DCL	São Paulo	2007
Yaguare Yamã Maraguá – AM	Kurumi Guaré no coração da Amazônia	FTD	São Paulo	2007
Yaguare Yamã Maraguá – AM	Sehaypóri: o livro sagrado do povo Sateré-Mawê	Peirópolis	São Paulo	2007
Roni Wasiry Guará Maraguá – AM	O caso da cobra que foi pega pelos pés	Imperial Novo Milênio	Rio de Ja- neiro	2007
Daniel Munduruku Munduruku – AM	Outras tantas histórias indígenas de origem das coisas e do universo	Global Edi- tora	São Paulo	2008

Região Sudeste

Autor	Título	Editora	Local de edição	Data
Povo – Estado				
Olívio Jecupé Guarani – PR	Tekoa: conhecendo uma aldeia indígena	Global Editora	São Paulo	2008
Tkainã Cariri Xocó – AL	Mãe d'água: uma história dos cariris	Scipione	São Paulo	2008
Yaguarê Yamã Maraguá – AM	Murugawa, mitos, contos e fábulas do povo Maraguá	Martins Fontes	São Paulo	2008
Yaguarê Yamã Maraguá – AM	As pegadas do Kurupyra	Mercuryo Jovem	São Paulo	2008
Cristino Wapichana Wapichana – RR	A onça e o fogo	Manole	São Paulo	2009
Yaguarê Yamã Maraguá – AM	Wirapurus e Muirakitãs: histórias mágicas de amuletos amazônicos	Larousse	São Paulo	2009
Daniel Munduruku Munduruku – AM	Como surgiu Mitos indígenas brasileiros	Callis	São Paulo	2010
Daniel Munduruku Munduruku – AM	A caveira rolante, a mulher lesma e outras histórias indígenas de assustar	Global Editora	São Paulo	2010
Daniel Munduruku Munduruku – AM	Das coisas que aprendi	UIKA	São Paulo	2010

Região Sudeste

Autor Povo – Estado	Título	Editora	Local de edição	Data
Daniel Munduruku Munduruku – AM	Mundurukando	UKA	São Paulo	2010
Luciana Vangri Kaigáng Kaigáng – RS	Jóty, o tamanduá	Global Editora	São Paulo	2010
Yaguaré Yamã Maraguá – AM	O totem do rio Kawéra	Imperial Novo Milênio	Rio de Janeiro	2010
Daniel Munduruku Munduruku – AM	O Karaíba: uma história do Pré-Brasil	Amaryllis	Barueri	2010
Graça Graúna Potiguara – RN	Criaturas do Ñanderu	Amaryllis	Barueri	2010
Tiago Hakiy Sateré Mawé – AM	Awyató-Pót histórias indígenas para crianças	Paulinas	São Paulo	2011
Daniel Munduruku Munduruku – AM	Histórias que eu li e gosto de contar	Callis	São Paulo	2011
Daniel Munduruku Munduruku – AM	Conto com você	Global Editora	São Paulo	2011
Daniel Munduruku Munduruku – AM	Parece que foi ontem	Global Editora	São Paulo	2011

Região Sudeste

Autor Povo – Estado	Título	Editora	Local de edição	Data
Daniel Munduruku Munduruku – AM	Coisas de onça	Mercuryo Jovem	São Paulo	2011
Elias Yaguakãg Maraguá – AM	Historinhas marupiaras	Mercuryo Jovem	São Paulo	2011
Ely Macuxi Macuxi – RR	Ipaty, o curumim da selva	Paulinas	São Paulo	2011
Lia Minapoty Maraguá – AM	Com a noite veio o sono	Leya	São Paulo	2011
Olívio Jecupé Guarani – PR	A mulher que virou Urutau/ Kunha Urutau re ojepota	Panda Books	São Paulo	2011
Roni Wasiry Guará Maraguá – AM	Mondagará: traição dos encantados	Formato	São Paulo	2011
Sulamy Katy Potiguara – PB	Nós somos só filhos	ZIT	Rio de Janeiro	2011
Daniel Munduruku Munduruku – AM	Um dia na aldeia	Melhoramentos	São Paulo	2012
Daniel Munduruku Munduruku – AM	O caráter educativo do movimento indígena brasileiro	Paulinas	São Paulo	2012

Região Sudeste

Autor Povo – Estado	Título	Editora	Local de edição	Data
Eliane Potiguara Potiguara – RJ	O coco que guardava a noite	Mundo Mirim	São Paulo	2012
Lia Minapoty Maraguá – AM	A árvore de carne e outros contos	Alaúde	São Paulo	2012
Lia Minapoty Maraguá – AM	A árvore de carne e outros contos	Tordesilhinhas	São Paulo	2012
Yaguarê Yamã Maraguá – AM	A origem do beija-flor Guanãby Muru-gáwa	Peirópolis	São Paulo	2012
Yaguarê Yamã Maraguá – AM	Contos da floresta	Peirópolis	São Paulo	2012
Yaguarê Yamã Maraguá – AM	Falando Tupi	Pallas	Rio de Janeiro	2012
Roni Wasiry Guará Maraguá – AM	Olho d'água: o caminho dos sonhos	Autêntica	Belo Horizonte	2012
Marcelo Manhuari Munduruku Munduruku – MT	A cidade das águas profundas	Melhoramentos	São Paulo	2013
Yaguarê Yamã Maraguá – AM	Formigueiro de Myrakãwéra	Biruta	São Paulo	2013

Região Sudeste

Autor	Título	Editora	Local de edição	Data
Povo – Estado				
Yaguaré Yamã Maraguá – AM	Pequenas guerreiras	FTD	São Paulo	2013
Yaguaré Yamã Maraguá – AM	Yaguarãboia: a mulher-onça	Leya	São Paulo	2013
Yaguaré Yamã Maraguá – AM	Um curumim, uma canoa	ZIT	Rio de Janeiro	2013
Tiago Hakiy Sateré Mawé – AM	Guayné derrota a cobra grande: uma história indígena	Autêntica	Belo Horizonte	2013
Graça Graúna Potiguara – RN	Contrapontos da literatura indígena contemporânea no Brasil	Mazza	Belo Horizonte	2013
Yaguaré Yamã Maraguá – AM	Meu pai Ag'wã: lembranças da Casa de Conselho	Scipione	São Paulo	2014
Cristino Wapichana Wapichana – RR	Sapatos trocados: como o tatu ganhou suas grandes garras	Paulinas	São Paulo	2014
Daniel Munduruku Munduruku – AM	Vó coruja	Companhia das Letras	São Paulo	2014
Daniel Munduruku Munduruku – AM	O olho da água	Leya	São Paulo	2014

Região Sudeste

Autor Povo – Estado	Título	Editora	Local de edição	Data
Werá Jeguaká Mirim e Tupã Mirim Guarani – PR	Contos dos curumins guaranis	FTD	São Paulo	2014
Werá Jeguaká Mirim Guarani – PR	Kunumi Guarani	Panda Books	São Paulo	2014
Lia Minapoty Maraguá – AM	Yara é vida	Kazuá	São Paulo	2014
Olívio Jecupé Guarani – PR	As queixadas e outros contos guaranis	FTD	São Paulo	2014
Olívio Jecupé Guarani – PR	A volta de Tukã	Kazuá	São Paulo	2014
Olívio Jecupé Guarani – PR	Tupã Mirim: o pequeno guerreiro	Leya	São Paulo	2014
Yaguaré Yamã Maraguá – AM	Os olhos do jaguar	Jujuba	São Paulo	2014
Yaguaré Yamã Maraguá – AM	Kawré Guiry'bo: nossas lembranças especiais	Kazuá	São Paulo	2014
Elias Yaguakãg Maraguá – AM	Tykuã e a origem da Anunciação	Rovelle	Rio de Janeiro	2014

Região Sudeste

Autor Povo – Estado	Título	Editora	Local de edição	Data
Lia Minapoty Maraguá – AM	Lua menina e menino onça	RHJ	Belo Horizonte	2014
Lia Minapoty Maraguá – AM	A menina e as flores	Casa da Palavra	São Paulo	2015
Roni Wasiry Guará Maraguá – AM	A árvore da vida	Leya	São Paulo	2015
Agostinho Manduca, Mateus Ika Muru e Alexandre Quinet/Org. Alexandre Quinet Huni Kuj) – AC	Una Isi) Kayawa: livro da Cura do Povo Huni Kuj) do rio Jordão	Dantes	Rio de Janeiro	2015
Daniel Munduruku Munduruku – AM	Saudades de amanhã	Escrita Fina	Rio de Janeiro	2015
Eliane Potiguara Potiguara – RJ	A cura da Terra	Editora do Brasil	Rio de Janeiro	2015

Região Sudeste

Autor Povo – Estado	Título	Editora	Local de edição	Data
Olívio Jecupé Guarani – PR	O saci verdadeiro	EDUEL	Londrina	2000
Adão Karai Tataendy Antunes Guarani-Mbyá – SC	Palavras de Xeramõï	Cuca Fresca	Florianópolis	2008
Daniel Munduruku Munduruku – AM	Karú Tarú: o pequeno pajé	Edelbra	Erechim	2009
Tiago Hakiy Sateré Mawé – AM	Curuminzice	Leya	Curitiba	2014
Tiago Hakiy Sateré Mawé – AM	Curumim	Positivo	Curitiba	2014
Tiago Hakiy Sateré Mawé – AM	Tupany: um menino Mawé Tupany: Kurum Mawe	Positivo	Curitiba	2014
Yaguaré Yamã Maraguá – AM	Morõgeta witã: oito contos mágicos	Positivo	Curitiba	2014
Daniel Munduruku Munduruku – AM	Foi vovó que disse	Edelbra	Erechim	2014
Lia Minapoty Maraguá – AM	Tainãly, uma menina Maraguá/ yepé tainãê Maraguá	Positivo	Curitiba	2015

Região Sul

<p>Tiago Hakiy Sateré Mawé – AM</p>	<p>Quinta estação</p>	<p>Valer</p>	<p>Manaus</p>	<p>2010</p>
<p>Roni Wasiry Guará Maraguá – AM</p>	<p>Çaicú Indé: o primeiro grande amor do mundo</p>	<p>Valer</p>	<p>Manaus</p>	<p>2011</p>
<p>Yaguarê Yamã Maraguá – AM</p>	<p>Maraguápeyára</p>	<p>Valer</p>	<p>Manaus</p>	<p>2014</p>

Região Centro-Oeste

Tiago Hakiy
Sateré Mawé – AM

Iwaipoiáb: o verdadeiro encontro de amor

 Edebe | Brasília | 2015 |

Região Norte

Na região Norte do Brasil, a editora Valer, que pertence ao estado do Amazonas, é a única, tendo publicado apenas três obras de autoria indígena, no período de 2010 a 2014. O destaque para esse quadro está no fato de que, apesar de ser a região onde vivem muitos povos indígenas e na qual há muitos escritores indígenas, não é a região de maior predominância mercadológica editorial da literatura indígena.

Região Nordeste

A região Nordeste não possui editoras comerciais que tenham publicado e comercializado obras indígenas, mas possui uma ONG que fez esse papel de publicar como uma editora, o Centro de Cultura Luiz Freire (CCLF)¹⁸ de Pernambuco. Mas é importante observar que este informou, em uma pesquisa, que publica livros dessa autoria, mas não comercializa, portanto, encontra-se fora do meu âmbito de pesquisa dentro dessa temática de literatura indígena.

Região Centro-Oeste

A região Centro-Oeste tem o menor número de editoras e ONGs juntas, sendo apenas a Edebe a interessada em publicar um livro indígena. O que também reflete a curiosa questão de possuir muitos povos indígenas, mas poucas publicações por editoras particulares.

Região Sudeste

A região com maior número de editoras ou ONGs que se interessaram por tal literatura é a Sudeste, com 120 obras publicadas. Somente no estado de São Paulo, são 105 obras indígenas publicadas, distribuídas em 38 editoras diferentes. Isso revela que a questão mercadológica é mais forte nessa região, e revela isso como uma forma de difusão, visto que o estado de São Paulo é o centro de tudo, no sentido de ter recursos e estrutura, portanto, isso pode acarretar um crescimento ao levar essa

¹⁸ "Organização não-governamental de direitos humanos, que surge em 1972, a partir de um grupo que buscava a restauração da democracia, através de atividades culturais e projetos de desenvolvimento comunitário, durante o período autoritário da Ditadura Militar brasileira." Disponível em: <<http://goo.gl/etDfQh>>. Acesso em: 31 mar. 2016.

literatura às crianças e adolescentes do Sudeste, e conseqüentemente ao país como um todo. Os estados Minas Gerais e Rio de Janeiro ainda crescem aos poucos, se comparados à proporção paulista. Já que possuem juntos 12 editoras comerciais que publicaram livros de autoria indígena, ou seja, o total de editoras na região Sudeste, soma 50.

Região Sul

A região Sul não possui nenhuma ONG que tenha publicado comercialmente livros indígenas, sendo as quatro editoras comerciais, uma inclusive da Universidade Estadual de Londrina. A predominância, portanto, é do estado do Paraná, com a existência de duas editoras interessadas na literatura indígena e, as outras do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina. Essa região não possui predominância nem de povos indígenas, nem de editoras interessadas em literatura indígena, o que difere de todas as outras regiões que possuem ao menos uma das duas características. Nesta região, no total, foram publicados nove livros.

Entrevista com editoras

São muitos os nomes de editoras comerciais que publicam livros indígenas encontrados. Para chegar às editoras, precisei encontrar primeiramente os nomes dos autores indígenas e suas respectivas obras, para então descobrir os nomes das editoras que publicaram tais livros. A pesquisa foi realizada pela internet, através de sites de compras ou dos próprios autores. Foi uma forma eficaz para se fazer um levantamento do máximo de nomes possíveis. O autor Daniel Munduruku, por *e-mail*,¹⁹ também ajudou a completar a lista de nomes.

Através desse quadro é interessante observar a enorme quantidade de editoras no Brasil que publicaram livros indígenas. Mas o que causou isso? Qual o tipo de interesse? Houve aumento na disseminação da literatura indígena? E por que ainda não há tanta difusão da literatura dos índios no país? Foi o que procurei saber nas entrevistas feitas às editoras, para saber com mais detalhes como aconteceu o processo com esse tipo de literatura.

As entrevistas às editoras foram feitas de modo virtual, já que a maioria se encontra em locais bem distantes de Belo Horizonte. Ao perguntar a vários índios quais de seus livros foram publicados e por quais editoras, fui obtendo a confirmação de nomes até o momento encontrados, e então pude enviar *e-mails* a essas editoras para verificar a importância da literatura indígena, em suas respectivas publicações, e o que

¹⁹ Em 25 de agosto de 2014.

as teria motivado ou impulsionado a se interessar por algo ainda pouco conhecido no país.

A editora Callis foi fundada em abril de 1987. O primeiro livro escrito por autor indígena publicado por ela foi *Coisas de índio*, de Daniel Munduruku, em 2000. A partir disso, surgiram mais publicações e hoje conta com mais de dez títulos de autoria indígena. Amanda Oliveira, ex-assistente editorial, afirma que a literatura indígena sempre esteve presente no dia a dia da editora e que a valorização e propagação dessa cultura é um de seus objetivos. Ela aponta que é importante mostrar a riqueza cultural desses povos.

A editora Peirópolis foi uma das pioneiras no Brasil em dar voz ao índio, ao publicar o livro *A terra dos mil povos* (1998), de Kaká Werá Jekupé. A editora procura valorizar a diversidade humana e, por isso, está sempre em busca de novos conteúdos. Renata Farhat Borges,²⁰ diretora da empresa, afirma que a Peirópolis “foi criada com o propósito de divulgar propostas de educação que valorizassem a diversidade étnico-racial e cultural brasileira”, assim, foi imprescindível dar voz ao índio, um dos pilares de formação da cultura brasileira.

A editora Triom, fundada em 1991 pelas irmãs Renata Ramos e Ruth Cintra, conta, por *e-mail*, que o primeiro objetivo foi contribuir para a expansão da consciência do ser humano através de palestras, cursos e publicações de livros, e então Renata conheceu a comunidade de Findhorn,²¹ em 1992, e também as Danças Circulares Sagradas, que se localizam no norte da Escócia. Renata é representante da comunidade no Brasil e contou que a editora tem livros traduzidos dessa comunidade, do inglês para o português, pelos quais a Ruth Cintra é responsável. Em 1994, ela foi apresentada a Kaká Werá e então surgiu a ideia da publicação de seu livro: *Ore Awé Roiru’A Ma: todas as vezes que dissemos*

²⁰ Jornalista, mestre em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade de São Paulo (PUC-SP) e Doutoranda em Ciências da Comunicação pela Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo (ECA/USP).

²¹ Associação sem fins lucrativos. Trata-se de uma comunidade espiritual, fundada em 1962, por Peter e Eileen Caddy Maclean, localizada ao norte da Escócia.

adeus, no ano de 1995, sendo então o primeiro contato com autoria indígena. Ela diz enfaticamente:

Em 1994, fui apresentada a Kaká Werá e me encantei com sua presença íntegra e poética! A afinidade com Kaká aconteceu de “pessoa pra pessoa” em primeiro lugar. Respeito e admiração foram dando espaço a uma parceria nas Danças Circulares e, a publicação desse livro, veio na sequência. As fotos desse livro foram autorizadas pela comunidade indígena e temos muito orgulho dessa publicação que, com certeza, tem tudo a ver com o propósito de nossa editora.²²

A editora Brinque-Book, fundada em 1991, por Susana Sanzon²³ é uma editora infantil e juvenil. A literatura indígena, que ainda precisa ser muito divulgada, representa bem o estilo da editora, por isso o interesse em publicar livros indígenas. Ela publicou quatro livros, todos da autoria de Daniel Munduruku.

A editora Autêntica, fundada em 1997, com 18 anos de existência, sempre foi referência acadêmica. Ela se interessou por obras de escritores indígenas e, portanto, aponta alguns fatores que ela atende como importantes para a publicação de livros indígenas, tais como: para haver a diversidade do acervo; pelo fato de essas obras divulgarem e valorizarem a diversidade sociocultural dos povos indígenas brasileiros; a ampla contribuição dessas obras no processo histórico de formação da sociedade nacional; e o fato de ser uma temática que tem sido procurada pelas escolas e pelo próprio governo para compras. Sendo essa última muito importante para o entendimento de que as políticas públicas, sem dúvida, foram uma das razões que levaram às editoras o interesse por publicações de livros de autoria indígena.

A editora Imperial Novo Milênio nasceu no Rio de Janeiro em abril de 2005. Ela publica livros de diversas áreas, incluindo literatura infantil e juvenil. Em entrevista por *e-mail*,²⁴ descobri que os autores indígenas Wasiry Guará e Yaguarê Yamã tomaram conhecimento das publicações da editora em feiras da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil e apresentaram seus respectivos originais a ela, primeiramente *O caso da*

²² No dia 10 de setembro de 2014 e 23 de setembro de 2014.

²³ Também é diretora da editora Brinque-Book.

²⁴ Em 10 de setembro de 2014.

cobra que foi pega pelos pés, de Wasiry Guará e posteriormente *O totem do rio Kãwéra*, de Yaguarê Yamã.

A editora Moderna, foi fundada em 1968, por Ricardo Feltre, e é uma das maiores, principalmente na área de educação, sempre produzindo livros didáticos e obras de literatura. Em entrevista por *e-mail*,²⁵ a equipe do Portal da Moderna disse que os livros de autoria indígena existentes em seu catálogo são de Daniel Munduruku e afirma que o contato com ele surgiu pela sua importância como autor de literatura para crianças e jovens e por ele ser um grande porta-voz da cultura indígena, visto que na área literária essa faixa etária interessa mais à editora. Por fim, a equipe afirmou que “recentemente surgiu uma demanda maior deste tipo de livro, pois o governo abriu um edital para compra de livros com esta temática”. Essa afirmativa condiz com o fato desta editora trabalhar com livros didáticos e por isso devem seguir esse formato educacional.

A editora Melhoramentos, criada em 1915, possui em seu catálogo publicações de estudiosos do assunto e publicações de índios, como os livros *Um dia na aldeia*, de Daniel Munduruku, e *A cidade das águas profundas*, de Marcelo Manhuari Munduruku. Os dois motivos pelos quais a editora se interessou por tais publicações foram primeiramente, o fato de a cultura indígena ser parte da cultura brasileira, não podendo haver distinção; e também de o governo incentivar o estudo da temática “história e cultura afro-brasileira e indígena” no ensino fundamental e médio, nas redes públicas e privadas, baseando-se na Lei 11.645.

A editora FTD, foi fundada em 1890, a sigla de seu nome homenageia Frère Theophane Durand.²⁶ Frère Theophane determinou a vinda dos irmãos Maristas ao Brasil, e aqui passaram a publicar livros dentro da exigência brasileira. As editoras criadas a partir da década de 1950 seguiram os passos desta editora e por isso fazem muito sucesso na área educacional. O entrevistado, Luis Hellmeister,²⁷ disse que em 2001 trabalhava no

²⁵ Em 21 de outubro de 2014.

²⁶ Irmão Superior Geral do Instituto Marista, entre os anos 1883 e 1907. Enquanto esteve no cargo, incentivou muitos que lá trabalhavam a desenvolver livros escolares para as disciplinas. Esses livros passaram a compor a Coleção de Livros Didáticos FTD. E assim, o sucesso das obras se espalhou por diversos países.

²⁷ Editor assistente da FTD e é também professor.

Itaú Cultural e lá ministrou cursos sobre literatura e pluralidade cultural, e assim, teve a oportunidade de pensar a respeito da representação indígena na literatura brasileira, mas para isso era preciso investigar toda a arte que se relacionava com os índios. Ele afirma que o contato com essa literatura partiu da ideia de que o índio deve ser revelado para a sociedade como um cidadão altamente capaz de criar coisas.

A editora Mercuryo Jovem é o selo infantil e juvenil da Mercuryo. De 2001 a 2014, a editora publicou 70 títulos, mas apenas quatro indígenas. Ione Meloni Nassar, a responsável pela editora, disse que a Mercuryo Jovem teve conhecimento das obras de autoria indígena por outras editoras conhecidas, e assim despertou o interesse por esse tipo de publicação e entrou em contato com os autores e ilustradores indígenas. Os índios, ao saberem que a editora estava aberta a receber suas obras para publicação, mandaram seus originais. A primeira publicação foi em 2007, *As peripécias do jabuti*, de Daniel Munduruku, e depois outros três. Ione afirma também que a Lei 11.645, que obriga o estudo de história e cultura afro-brasileira e indígena nas escolas, acabou contribuindo muito para que os autores indígenas fossem reconhecidos nacionalmente, e reforça: “se antes da Lei os indígenas não eram tão considerados, hoje eles são reconhecidos como os primeiros habitantes do Brasil, donos de uma rica cultura que deve ser respeitada e preservada”.

A editora Mundo Mirim é voltada ao público infanto-juvenil e aos professores, através de livros didáticos. As publicações para crianças e adolescentes têm o intuito de criar o prazer pela leitura e o estímulo à imaginação. As publicações para educadores são voltadas aos temas fundamentais da pedagogia contemporânea. De um modo geral, há um estímulo ao lúdico e ao senso estético. As suas linhas editoriais são: literatura infanto-juvenil; não ficção infanto-juvenil; pedagogia e educação. Em entrevista por *e-mail*, o gerente editorial Valdeci Toledo disse que a única publicação indígena é *O coco que guardava a noite*, no ano de 2012, da escritora Eliane Potiguara, e que está inserido na série Filosofia em Contos que tem como objetivo desenvolver em crianças o gosto pela filosofia. Valdeci afirma que cada volume da série apresenta um conto baseado em uma alegoria e, por isso, surgiu a ideia do livro de autoria

índigena. Ele finaliza dizendo que a editora pretende publicar mais livros sobre literatura indígena, mas nada ainda nos próximos anos.

Márcia Takeuchi,²⁸ da editora Positivo, contou-me por *e-mail*:

Há alguns anos tenho intenção de publicar títulos genuinamente indígenas: escritos por indígenas. A área de livros didáticos é a minha maior área de atuação. E, por conta da Lei 10639,²⁹ conteúdos indígenas são obrigatórios em materiais escolares. Dessa obrigatoriedade surgiu a vontade de publicar títulos de literatura escritos por indígenas. Mas só lançamos estes cinco títulos por causa do edital PNBE³⁰ indígena. Nesse sentido, o Governo tem sido o grande impulsor.³¹

Márcia afirma que o contato com a literatura indígena se deu através de movimentos sociais, debates na imprensa e exigências dos editais de PNLD,³² e que o contato com Tiago Hakiy, autor do qual ela publicou três livros, aconteceu quando ela trabalhava na editora Ática, pois o escritor havia mandado originais de suas escritas para lá. Ela afirma que ele é conhecido e tem livros em várias editoras.

Essas são algumas das editoras que foram entrevistadas via *internet* das quais obtive resposta completa sobre seus interesses e o contato que tiveram com a literatura indígena. Lembrando que, ao todo, são 53 editoras encontradas, mas apenas 12 deram resposta acerca de seus trabalhos com a literatura indígena, apontando a importância desta para a sociedade e explicando um pouco como foi sua história com publicações indígenas e a primeira vez em que tiveram contato com a mesma. Algumas editoras encontraram na Lei 11.645 uma abertura para a propagação da literatura indígena nas escolas, e, com isso, viram a importância dessas obras literárias nas escolas para que os alunos tenham acesso ao conhecimento.

²⁸ Diretora de Governança Editorial e Programas de Governo na editora Positivo.

²⁹ Lei de 2003, que foi modificada pela Lei 11.645, de 2008.

³⁰ Programa Nacional Biblioteca da Escola, desenvolvido desde 1997, tem o objetivo de promover o acesso à cultura e o incentivo à leitura nos alunos e professores por meio da distribuição de acervos de obras de literatura, de pesquisa e de referência.

³¹ Em 25 de maio de 2015.

³² Programa Nacional do Livro Didático, tem como principal objetivo subsidiar o trabalho pedagógico dos professores por meio da distribuição de coleções de livros didáticos aos alunos da educação básica.

Análises relativas às tabelas quanto a publicação de autores e etnias

Autores indígenas e suas publicações

Quando comecei a pesquisa, pensei que não encontraria autores suficientes para realizar este trabalho de forma eficaz, no entanto, encontrei 28 autores como professores Kaxinawá do Acre, com o livro: *Shenipabu Miyui: história dos antigos*, e o povo Huni, com o livro: *Una Isi Kayawa: o livro da cura do povo Huni Kuĩ do rio Jordão*. À medida que aprofundei as buscas pela *internet*, encontrei novos nomes e a lista de autores ficou bastante considerável.

Há muitos escritores de origem indígena, mas todos são pouco conhecidos no país. Daniel Munduruku é o nome mais conhecido. Ele possui uma lista significativa de obras escritas, totalizando 49 obras. É importante notar com clareza o quanto ele é um escritor influente nas editoras, sejam elas públicas ou privadas, além de ser um dos pioneiros na conquista da publicação de obras por editoras que visam o comércio. Seus livros contêm temáticas variadas. Antes de publicar suas obras em editoras comerciais, ele já possuía uma editora independente, a UKA³³ e o selo editorial Palavra de Índio.³⁴

³³ UKA: Casa dos Saberes Ancestrais, é uma instituição de caráter educativo e cultural, sem fins lucrativos, criada por profissionais indígenas e não indígenas com o objetivo de proporcionar um maior conhecimento da Lei 11.645. Tem como diretor Daniel Munduruku. Nela há o selo da UKA Editorial, que publicou um livro de Munduruku, *Mundurukando*.

³⁴ Surgiu como um selo de garantia, que servia para certificar que aquele livro editado trazia conteúdos que não feriam a honra dos povos indígenas brasileiros. O selo foi criado pelo próprio Daniel

Yaguarê Yamã também alcançou boa quantidade de publicações em editoras tradicionais, conseguindo um total de 21 livros publicados, que variam entre infantil e infanto-juvenil. Ele já trabalhava com Daniel Munduruku, que sempre foi influente na luta pelos direitos indígenas. Yaguarê e Munduruku foram então os que obtiveram mais conquistas no mercado editorial.

Um terceiro autor indígena é Olívio Jekupé, que também alcançou quantidade considerável de publicações, totalizando 11 livros. O que também pode ser visto como um crescimento, se comparado aos outros escritores que em sua maioria ainda estão começando a escrever histórias ou possuem publicações subsidiadas pelo governo. É interessante considerar que esses três autores lutavam juntos para a construção de direitos, e são justamente os que hoje conseguiram o seu espaço no mercado.

Carlos Tiago Hakiy é um escritor novato na literatura indígena, e conseguiu um total de seis publicações. É curioso pensar que um autor tão novo tenha tanta notoriedade. Talvez isso prove o crescimento da literatura indígena nos últimos anos comparado à década de 1990. Escritores como Graça Graúna, Kaká Werá Jekupé e Roni Wasiry Guará, também têm progredido na literatura indígena: Graça publicou três livros, Kaká Werá quatro e Roni Wasiry cinco. A presença da mulher na literatura indígena ainda cresce de forma tímida, o que se assemelha à literatura brasileira, que também teve uma evolução lenta e gradual da mulher na escrita.

Povos indígenas e publicações

As tabelas trazem a noção de que os povos indígenas que tiveram seus livros publicados são bem variados, formando-se um total de 17 povos, sendo eles: Sateré Mawé, Maraguá, Macuxi, Munduruku, Wapichana, Guarani, Potiguará, Kaingáng, Tapuia, Waikutesu, Xané, Cariri Xocó, Xavante, Ticuna, Kaxinawá, Huni Kuí e Pataxó. O povo Maraguá, situado no Amazonas, foi um dos que mais obteve publicações, com quatro escritores: Roni Wasiry Guará, Lia Minapoty, Yaguarê Yamã e Elias Yaguakãg.

Munduruku.

O povo Potiguara conseguiu um total de três escritoras: Sulamy Katy, Eliane Potiguara e Graça Graúna, sendo cada uma de uma região do Brasil. É interessante destacar que o povo Pataxó teve uma publicação com cinco autores no mesmo livro, que são os professores dessa etnia.

A literatura indígena tem como característica mostrar a identidade de um determinado povo, sendo assim, saber qual a etnia (ou povo) possui mais menções através da escrita, leva-nos a ver aquela que mais tem reconhecimento nos dias de hoje.

Fatores que influenciaram a literatura indígena no mercado

Lei 11.645 e o Art.26-A

Desde que as escolas indígenas³⁵ foram reconhecidas com normas próprias e diretrizes curriculares específicas, baseadas na Constituição de 1988, notou-se um avanço na educação indígena. Além de terem os seus próprios conhecimentos, os índios adquiriram conhecimentos fora de suas terras e com isso se firmaram na literatura escrita.

A educação escolar indígena surgiu através de movimentos reivindicatórios indígenas, e tem como objetivos a valorização da sua cultura; fortalecimento das práticas socioculturais e da língua materna de cada comunidade; manutenção dos programas destinados à educação escolar nas comunidades; desenvolvimento de currículos e programas específicos; elaboração de material didático específico; e afirmação das identidades étnicas, considerando os projetos definidos de forma autônoma por cada povo indígena.

A Lei 11.645 entrou em vigor no dia 10 de março de 2008, e trata de uma alteração em um artigo da Lei de Diretrizes e Bases,³⁶ que favorece o estudo de história das culturas afrodescendentes e indígenas, tornando-o obrigatório nas escolas da educação básica das redes pública e privada.

³⁵ Escolas localizadas nas terras indígenas e voltadas para o ensino intercultural bilíngue.

³⁶ A Lei de Diretrizes e Base da Educação Nacional (LDB) define e regulariza o sistema de educação brasileiro com base nos princípios presentes na Constituição. Foi citada pela primeira vez em 1934, mas a nova lei surgiu em 1996.

Ela visa conquistas importantes, como: o estudo sobre a temática indígena; a obrigatoriedade do ensino das formas culturais nas escolas; a consideração dos indígenas como autores e construtores de sua própria história; a produção de material didático específico sobre a temática indígena, e possibilitando assim aos professores uma formação capaz de desenvolver o saber das relações étnico-raciais no Brasil.

O Artigo 26-A da lei de 2008 prevê que:

Art.26-A. Nos estabelecimentos de ensino fundamental e de ensino médio, públicos e privados, torna-se obrigatório o estudo da história e cultura afro-brasileira e indígena.

§ 1º O conteúdo programático a que se refere este artigo incluirá diversos aspectos da história e da cultura que caracterizam a formação da população brasileira, a partir desses dois grupos étnicos, tais como o estudo da história da África e dos africanos, a luta dos negros e dos povos indígenas no Brasil, a cultura negra e indígena brasileira e o negro e o índio na formação da sociedade nacional, resgatando as suas contribuições nas áreas social, econômica e política, pertinentes à história do Brasil.

§ 2º Os conteúdos referentes à história e cultura afro-brasileira e dos povos indígenas brasileiros serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de educação artística e de literatura e história brasileiras. (NR)

Esse artigo dá ênfase aos povos indígenas e africanos, ao valor que eles vêm conquistando em diversos âmbitos e, principalmente, na educação escolar, em disciplinas como Artes, História e Literatura. O intuito é justamente fazer com que crianças e adolescentes conheçam não só a arte dos europeus, como sempre foi nas escolas, mas a cultura dos povos indígenas e negros, aprendendo assim a valorizar a cultura e história do Brasil. A ideia é que ela, justamente, abra espaço para os índios serem reconhecidos pelos educadores e estudantes nas escolas.

Entrevistas sobre a Lei 11.645

Entrevistei duas pessoas para obter uma compreensão a respeito de como tem ocorrido, no ambiente escolar, o progresso da leitura em literatura indígena, após a implementação da Lei 11.645. O objetivo era saber se houve algum resultado surpreendente, e se há empenho por parte dos educadores na conscientização a respeito da cultura indígena.

Primeiramente, entrevistei o escritor Daniel Munduruku, por *e-mail*, e perguntei a sua opinião sobre as melhorias nas escolas após essa lei. Ele disse:

Penso que a lei foi fundamental para que o tema começasse a ser pensado não mais como algo conteudista, mas como realmente uma realidade. Ainda sinto que os professores continuam reticentes em trabalhar esta temática porque muitos não acreditam na existência de uma literatura indígena de fato. A maioria ainda tem um pensamento congelado e isso dificulta a mudança.³⁷

Munduruku percebe que o problema maior está no fato de os professores não passarem esse conhecimento adiante, por não acreditarem na literatura dos indígenas, como se a realidade ainda fosse distante, mesmo depois de tantas conquistas e tantas lutas dos povos indígenas. Há um bloqueio pelos próprios educadores, que se mantêm com olhares conservadores, no sentido de incentivar o pensamento de que o povo indígena é aquele mesmo povo descrito nas histórias relatadas por não indígenas, e que todos fazem parte de uma mesma família ou aldeia, como se não se diferenciavam entre si.

A estudante Karina Góes Quevedo,³⁸ que é também educadora, afirma, através de *e-mail*,³⁹ que quando deu aula no Ensino Médio pela CAPES,⁴⁰ nunca pôde levar a literatura indígena para a sala de aula, pois era obrigada a seguir o plano de ensino do colégio, que não possuía em seu cronograma o ensino dessa literatura. Portanto, ela percebeu que não havia uma preocupação por parte dos professores em abordar a pluralidade cultural na sala de aula, percepção essa semelhante à de Daniel Munduruku, que também enxerga isso nos docentes.

Karina também trabalha há três anos na Fundação Cultural de Curitiba. Lá ela desenvolve com uma equipe atividades de incentivo à

³⁷ Em 1 de novembro de 2014.

³⁸ Educadora e profissional de incentivo à leitura da Prefeitura de Curitiba, realizou sua monografia na área de estudos indígenas pela PUC-PR, em 2014.

³⁹ Em 1 de novembro de 2014.

⁴⁰ Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior é uma agência de fomento à pesquisa brasileira que atua na expansão e consolidação da pós-graduação *stricto sensu* (mestrado e doutorado) em todos os estados do país.

leitura. Ela conta que fez uma roda de leitura de contos indígenas com outras professoras e educadoras da rede municipal de educação infantil, e teve algumas decepções devido aos comentários desinformados e preconceituosos de algumas educadoras, tais como: "Mas índio escreve?"; "Achava que índio só vivia em oca". Para a professora e estudante, alguns educadores veem a imagem do índio apenas como forma de satisfazer o folclore brasileiro, e finaliza afirmando: "Aqui em Curitiba, pelo que vejo, não há essa abertura à literatura indígena, até mesmo nas Universidades, poucas pessoas estão sensíveis a isso."

Políticas Públicas do MEC

Decreto 6.861

O Decreto 6.861 entrou em vigor em 27 de maio de 2009, e dispõe sobre a Educação Escolar Indígena, definindo sua organização em territórios etno-educacionais. Esse Decreto tem como objetivos:

- I – valorização das culturas dos povos indígenas e a afirmação e manutenção de sua diversidade étnica;
 - II – fortalecimento das práticas socioculturais e da língua materna de cada comunidade indígena;
 - III – formulação e manutenção de programas de formação de pessoal especializado, destinados à educação escolar nas comunidades indígenas;
 - IV – desenvolvimento de currículos e programas específicos, neles incluindo os conteúdos culturais correspondentes às respectivas comunidades;
 - V – elaboração e publicação sistemática de material didático específico e diferenciado;
 - VI – afirmação das identidades étnicas e consideração dos projetos societários definidos de forma autônoma por cada povo indígena.
- Art. 3º Será reconhecida às escolas indígenas a condição de escolas com normas próprias e diretrizes curriculares específicas, voltadas ao ensino intercultural e bilíngue ou multilíngue, gozando de prerrogativas especiais para organização das atividades escolares, respeitando o fluxo das atividades econômicas, sociais, culturais e religiosas e as especificidades de cada comunidade, independentemente do ano civil.

A União colabora para cumprimento desse Decreto da seguinte maneira:

Art. 5º A União prestará apoio técnico e financeiro às seguintes ações voltadas à ampliação da oferta da educação escolar às comunidades indígenas, entre outras que atendam aos objetivos previstos neste Decreto:

I – Construção de escolas;

III – produção de material didático;

IV – Ensino médio integrado à formação profissional.

O Ministério da Educação (MEC)⁴¹ colaborou na propagação dessa literatura desde que incentivou a produção de livros didáticos de autoria indígena para escolas indígenas e não indígenas, como forma de divulgar a cultura das diversas etnias das regiões do país.

Cada um dos incisos citados no artigo 2º nos remete à importância que deve ser dada aos índios no Brasil, e suas línguas maternas devem ser reforçadas na escola de base indígena.

Toda a estrutura dessas escolas deve, de acordo com o Art. 5º do Decreto, ser apoiada pela União, desde a construção de escolas, alimentação, produção de material didático, até ensino médio integrado à formação profissional. Tudo isso colabora com a evolução na educação dos indígenas, pois, tendo acesso a essas qualificações, os índios terão mais abertura e mais oportunidades na sociedade brasileira como um todo, sem que percam suas raízes. A proposta é justamente essa, o respeito, a valorização, a troca de experiências, a liberdade de os indígenas poderem caminhar livremente no Brasil, sem serem “tachados” de índios, no sentido pejorativo⁴² da palavra.

⁴¹ O MEC foi o órgão que formalizou a estrutura educacional indígena.

⁴² A palavra “índio” possui uma conotação ofensiva e falsa. Segundo Daniel Munduruku, em uma entrevista para uma rádio, essa palavra traz a ideia de que o povo indígena é atrasado, pois ela foi apelidada pelos colonizadores. Além, também, de trazer um segundo sentido, a ideia do indígena romantizado, a figura dele como “ingênuo”, “bonzinho”, que não é positiva para o povo indígena, pois parece tratá-lo como personagem de ficção.

Yaguarê Yamã afirmou, por *e-mail*,⁴³ que o incentivo do governo, através de políticas públicas como o Decreto 6.861, deu força para os indígenas continuarem na luta pela inclusão da cultura nativa nas mentes da sociedade brasileira, pois com isso eles estão mais visados.

⁴³ Em 28 de maio de 2015.

Editoras e publicações da década de 1990 aos dias atuais

A década de 1990 marcou o início da propagação de publicações indígenas, principalmente no mercado editorial. Sendo a obra *O Índio avoador*, de Marcos Terena, a primeira a ser publicada, em 1995, pela editora Moderna, e, logo em seguida, *Histórias de Índio*, de Daniel Munduruku, em 1996. A partir dessas obras, houve um incentivo por parte desses autores, para que outros escritores indígenas mostrassem a arte da escrita para terem suas obras publicadas no comércio, e consequentemente no país. As publicações chegaram a sete, no total. Incluindo também autores como: Kaká Werá Jekupé, Graça Graúna, índios das tribos Ticuna e Xavante e professores do povo Pataxó de Minas Gerais.

Ao analisar, por décadas, a quantidade de publicações em cada região brasileira, observa-se que a década de 1990 possui sete publicações, sendo todas elas apenas na região Sudeste. Enquanto que entre o ano 2000 e 2010, houveram 68 publicações de livros de autoria indígena, sendo 66 na região Sudeste, três publicações na região Sul, apenas uma na região Norte, e nenhuma publicação nas demais regiões. Pode-se notar um crescimento bastante significativo para os escritores indígenas, se comparado aos sete livros publicados na década de 1990, e, nos últimos cinco anos, de 2011 a 2015, houve um total de 55, o que também é considerável, levando-se em conta o fato de que esse período é mais curto que os anteriores. Na região Sudeste há 46 publicações, na região Sul seis, na região Norte duas e na região Centro-Oeste apenas uma

publicação neste mesmo período. Logo, a região Nordeste não possui publicações de editoras comerciais.

O quadro nos mostra que o auge de produção de livros de autores indígenas, ocorreu nos anos de 2006 e 2007. Em 2006, foram publicados nove livros, um crescimento considerável se comparado ao ano anterior (2005), em que apenas quatro livros foram publicados. O ano de 2007 foi o ano de maior quantidade de publicações, sendo um total de 13 obras.

O ano de 2014 teve um total de 20 obras publicadas, não incluindo as quatro obras publicadas pela editora Kazuá: *Kawré Guiry'bo: nossas lembranças especiais*, de Yaguarê Yamã e *Curupira e sua casa*, de Aurélio Souza da Silva; que não foram ainda comercializadas. É importante lembrar das obras que estão sendo publicadas neste ano de 2015, de autores como Carlos Tiago Hakiy e seu livro *Iwapoiáb: o verdadeiro encontro de amor*, e Daniel Munduruku, com a obra *Das coisas que aprendi*, publicada pelo selo editorial UKA. Desse modo, é possível notar que o interesse das editoras continua crescendo.

O quadro coloca em evidência o fato de a editora Global e a editora Peirópolis serem as que mais publicaram livros indígenas, tendo ambas 13 publicações. Muitas editoras publicaram apenas uma obra, por terem tido um contato recente com a literatura indígena ou por simplesmente terem cumprido um pedido, por obrigação com alguma escola, por exemplo. É possível colocar a editora Callis também entre as que mais publicaram obras indígenas, oito no total.

A quantidade de publicações localizadas até o momento do levantamento, contando-se em princípio somente as obras publicadas por editoras comerciais, totalizam 132 obras. O que é um número considerável, levando em conta os 538 títulos de obras indígenas levantados pela pesquisadora Amanda Machado, em sua maioria publicações realizadas com verbas públicas e com distribuição gratuita.

Conclusão

O quadro e toda a pesquisa informam com clareza que a maioria dos escritores indígenas são do Norte do Brasil, sendo muitos do estado do Amazonas, vindos de povos como Munduruku, Sateré Mawé e Maraguá. No caso do Sudeste, há alguns autores do povo Kaxinawá e Pataxó, e de São Paulo há a tribo Tapuia. Há escritores indígenas em todas as regiões do Brasil, o que nos mostra a rica diversidade até mesmo entre as próprias etnias, que variam de acordo com a cidade e estado, assim como entre povos não indígenas. O fato de se diferenciarem por região, na questão do sotaque e da cultura, acontece também com os índios, contrariando o que boa parte da população brasileira pensa (que não se diferem).

É importante lembrar que, como disse Maria Inês de Almeida em sua tese, defendida em 1999, na PUC-SP, a predominância de escritores indígenas já era do Norte e, portanto, ela permanece, sendo a maioria do estado do Amazonas, como já dito. Mas é interessante saber que a predominância de editoras que publicaram livros de autoria indígena não é do Norte, e sim, da região Sudeste do país, sendo a maioria de São Paulo e uma pequena porcentagem dos estados do Rio de Janeiro e Minas Gerais. É natural as editoras do Sudeste alcançarem maior visibilidade, por estarem em uma região onde há uma maior estrutura industrial e publicitária, por outro lado, chama a atenção o fato de o Sudeste não ser a região onde vive boa parte dos povos indígenas. Foi a Lei 11.645, que, segundo algumas editoras, impulsionou as publicações de livros de

autoria indígena, por incentivar a produção de livros didáticos para o ensino nas escolas, fazendo com que muitas editoras tomassem conhecimento da literatura indígena e vissem nela uma novidade e uma oportunidade. Assim ocorreu uma “troca”, pois com a literatura indígena em alta, as editoras também se projetaram no mercado.

Essa pesquisa me fez ver o crescimento da literatura indígena e do interesse dos indígenas pela escrita, pois eles vêm nisso uma forma de mostrar à sociedade a sua importância no âmbito cultural, intelectual e político. E, analisando as editoras comerciais, percebi que seus interesses vêm crescendo seja por questões comerciais ou por elas enxergarem essa mesma importância na literatura indígena.

Esse levantamento me fez conhecer várias editoras que publicam livros nesse segmento. E conhecer um pouco, não somente do surgimento e o que elas pensam a respeito da literatura indígena, mas também como foi o processo de aceitação desses originais escritos por índios. Em muitas das entrevistas que fiz às editoras pude perceber que algumas tinham de fato um interesse pessoal e artístico pelas obras indígenas, já outras tinham um interesse mais profissional, por ter entrado em vigor a Lei 11.645, que torna obrigatório o estudo a respeito dos negros e índios, e com isso, a demanda em relação à literatura indígena passou a crescer.

Na entrevista feita com o escritor Daniel Munduruku e com a estudante Karina Quevedo, pude entender que, apesar de haver hoje em dia uma boa quantidade de publicações dessa literatura, ainda não se pode falar em crescimento significativo no interesse dos leitores, sejam eles professores, educadores, alunos etc. A cultura indígena ainda é pouco explorada nas escolas, talvez por não conhecerem bem o que os indígenas vêm fazendo ou por não acreditarem que é uma literatura que pode trazer um vasto conteúdo no que diz respeito à educação e desenvolvimento dos alunos, principalmente na questão de enxergarem os índios de maneira mais respeitosa. Pode-se dizer que a Lei 11.645 ainda não é tão exercida na prática, se formos pensar que ela passou a existir em 2008, tendo então oito anos de existência e pouco aproveitamento de sua importância no âmbito escolar. Nesse caso, há o crescimento por parte dos escritores, que estão cada vez mais escrevendo suas histórias para serem publicadas, mas falta o crescimento por parte dos professores,

os transmissores desses conhecimentos, devido a questão do “congelamento” de opiniões arcaicas⁴⁴ que possuem em relação ao povo indígena.

Há muito a ser explorado nesse universo literário, muito conteúdo novo, que poucos sabem que existe, e enquanto a escola não abrir um pouco mais de espaço a esses povos, nunca haverá um crescimento de proporções maiores em relação à recepção dos livros escritos pelos índios. Apesar de as editoras fazerem a sua parte apostando nessa nova cultura literária, esses livros parecem não chegar imediatamente ao conhecimento dos educadores, dos alunos, e conseqüentemente, da sociedade como um todo.

⁴⁴ O mesmo pensamento que permanece por muito tempo na sociedade em relação aos indígenas, desde a época das colonizações portuguesas, de que os índios andam nus e carregam flechas.

Referências

- AILTON Krenak. *Blogspot*. Disponível em: <<http://goo.gl/zB6jgN>>. Acesso em: 20 abr. 2015.
- ALMEIDA, Maria Inês; QUEIROZ, Sônia. *Na captura da voz: as edições da narrativa oral no Brasil*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004. 304 p.
- ASSUNÇÃO, Ademir. 500 anos de desencontros. *Istoé*, São Paulo, 21 jul. 1999. Disponível em: <<http://goo.gl/qS9nSX>>. Acesso em: 9 mar. 2015.
- BOND, Rosana. Lançamento de livro: guaranis começam a escrever a própria história. *A Nova Democracia*. Rio de Janeiro, jul. 2008. Disponível em: <<http://goo.gl/9ITULN>>. Acesso em: 04 abr. 2015.
- BRASIL. Decreto n. 6.861 de 27 de maio de 2009. Disponível em: <<http://goo.gl/bkADX0>>. Acesso em: 12 abr. 2016.
- BRASIL. *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional de 20 de dezembro de 1996*. Disponível em: <<http://goo.gl/oXee3>>. Acesso em: 12 abr. 2016.
- CUNHA, Carolina. *Escritores indígenas falam da importância da literatura nativa para a educação das crianças*. Saraiva Conteúdo. Disponível em: <<http://goo.gl/41Z0yS>>. Acesso em: 15 de set. 2014.
- DANIEL Munduruku. *Wikipédia*. Disponível em: <<http://goo.gl/7km0r6>>. Acesso em: 2 de set. de 2014.
- DITADURA militar no Brasil (1964-1985). *Wikipédia*. Disponível em: <<https://goo.gl/nHO9qB>>. Acesso em: 29 mar. 2016.
- EDITORA UFMG relança obra indígena. Disponível em: <<https://goo.gl/Mvi7It>>. Acesso em: 08 jun. 2015.
- ELIANE Potiguara. *Blogspot*. Disponível em: <<http://goo.gl/L1Mw8H>>. Acesso em: 12 set. 2014.
- FEIL, Roselene. O (não) lugar do indígena na "literatura brasileira": por onde começar a inclusão?. *Boitatá – Revista do GT de Literatura Oral e Popular da ANPOLL*, Londrina, n. 12, p. 122-137, jul-dez. 2011. Disponível em: <<http://goo.gl/K1z2iV>>. Acesso em: 24 set. 2014.
- GANDRA, Alana. *Escritor mundurucu diz que literatura indígena está crescendo no Brasil*. EBC. Disponível em: <<http://goo.gl/7u4a6b>>. Acesso em: 10 fev. 2015.

GRAÇA Graúna. *Wikipédia*. Disponível em: <<http://goo.gl/E9IV4J>>. Acesso em: 25 out. 2014.

GRAÚNA, Graça. *Contrapontos da literatura indígena contemporânea no Brasil*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2013. 196 p.

GRAÚNA, Graça. *Literatura indígena: desconstruindo estereótipos, repensando preconceitos*. Disponível em: <<http://goo.gl/iqyzFW>>. Acesso em: 20 set. 2014.

GUESSEI, Érika. *Shenipabu Miyui... e a literatura indígena*. Blogspot. Disponível em: <<http://goo.gl/H3KyKV>>. Acesso em 10 de novembro de 2014.

IERRER, Débora. A história dos índios, por eles mesmos. Carta Capital, São Paulo, 21 jul. 2011. Disponível em: <<http://goo.gl/NvrmJh>>. Acesso em: 04 set. 2014.

INSTITUTO UKA – Casa dos Saberes Ancestrais. *Blogspot*. Disponível em: <<http://goo.gl/echGBv>>. Acesso em: 25 abr. 2016.

LIMA, Amanda. *O Livro indígena e suas múltiplas grafias*. 2012 (Mestrado em Literatura Indígena) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2012. Disponível em: <<http://goo.gl/QyLD3K>>. Acesso em: 26 abr. 2016.

LITERATURA Indígena x Literatura Nativa, segundo Olivio Jekupe. *Wordpress*. Disponível em: <<https://goo.gl/7FY2VM>>. Acesso em: 05 set. 2014.

MANZATTI, Marcelo. *Editais projeto GATI – Centro de Formação Indígena Sul/Sudeste e Pantanal/ Cerrado*. Famaliá. Disponível em: <<http://goo.gl/sgix9s>>. Acesso em: 05 fev. 2015.

MARCOS Terena. *Wikipédia*. Disponível em: <<http://goo.gl/BVvcFz>>. Acesso em: 05 set. 2014.

MUNDURUKU, Daniel. *Literatura indígena: balanço e perspectivas*. *Revista Emília*, São Paulo, jan. 2012. Disponível em: <<http://goo.gl/3rFIZT>>. Acesso em: 04 set. 2014.

MUNDURUKU, Daniel. *Literatura indígena e o tênuê fio entre escrita e oralidade*. Overmundo. Disponível em: <<http://goo.gl/aFPVXe>>. Acesso em: 24 set. 2014.

NASCIMENTO, Gabriela. *Aumenta o interesse pela literatura feita por escritores indígenas*. Publishnews. Disponível em: <<http://goo.gl/kbTOD2>>. Acesso em: 12 jan. 2015.

NEGRO, Mauricio. *Cobra premiada*. Blogspot. Disponível em: <<http://goo.gl/Ec1D92>>. Acesso em: 03 nov. 2014.

NEI – Núcleo de Estudos Indigenistas. *Museus e Coleções*. Disponível em: <<https://goo.gl/7EpRgj>>. Acesso em: 23 jan. 2015.

O ÍNDIO no Brasil. *Pedagogia ao Pé da Letra*. Disponível em: <<http://goo.gl/rTSmNZ>>. Acesso em: 07 fev. 2015.

OLIVEIRA, Rejane. Literatura marginal: questionamentos à teoria literária. *Ipotesi*, Juiz de Fora, v. 5, n. 2, p. 31-39, 2011. Disponível em: <<http://goo.gl/UC6xBL>>. Acesso em: 29 mar. 2016.

RIBEIRO, Bruno. *Entrevista: Daniel Munduruku*. Consciência net. Disponível em: <<http://goo.gl/DupMxq>>. Acesso em: 26 out. 2014.

TRIBO. *Wikipédia*. Disponível em: <<http://goo.gl/mJCgZ3>>. Acesso em: 05 fev. 2015.

YAMÃ, Yaguarê. *Literatura Indígena Brasileira e seus autores*. Blogspot. Disponível em: <<http://goo.gl/iktM1E>>. Acesso em: 25 jul. 2014.

YAMÃ, Yaguarê. *Livros de Yaguarê*. Comunidades net. Disponível em: <<http://goo.gl/ouzXUr>>. Acesso em: 23 jan. 2015.

Anexo: Algumas respostas de pesquisas por e-mail

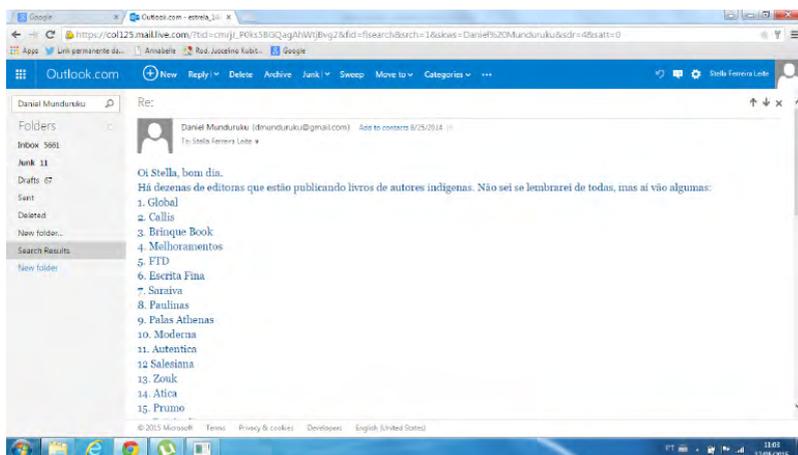


Figura 1: E-mail recebido de Daniel Munduruku a respeito de alguns nomes de editoras que publicaram livros de autoria indígena.



Figura 2: E-mail recebido de uma das fundadoras da TRIOM, Renata Ramos, contando como foi seu primeiro contato com a literatura indígena.

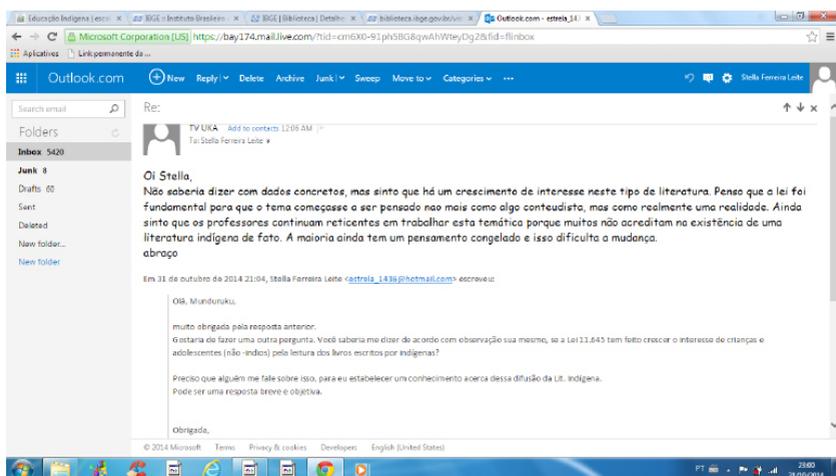


Figura 3: E-mail recebido de Daniel Munduruku, como resposta a minha pergunta a respeito de como a Lei 11.645 tem feito crescer o interesse de crianças e adolescentes pela leitura de livros de autoria indígena.

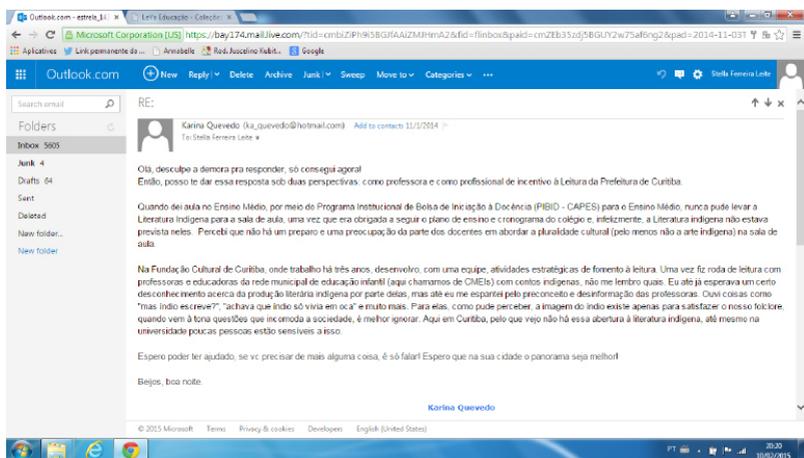


Figura 4: E-mail recebido da estudante e professora Karina Quevedo falando a respeito do pouco conhecimento dos professores em relação a literatura indígena.

**Publicações Viva Voz de interesse para a
área de estudos de edição**

Editoras mineiras: panorama histórico v. 1

Juliane Matarelli (Org.)

Sônia Queiroz (Org.)

Editoras mineiras: panorama histórico v. 2

Sônia Queiroz (Org.)

Editoras mineiras: o lugar da poesia

Patrícia Fonseca

Sônia Queiroz (Org.)

Editoras mineiras: o lugar da tradução

Karina Mitalle (Org.)

Sônia Queiroz (Org.)

Os livros e cardemos Viva Voz estão disponíveis em
versão eletrônica no *site*: <www.lettras.ufmg.br/vivavoz>

Ficha catalográfica elaborada pelas Bibliotecárias da Biblioteca FALE/UFMG

L533I Leite, Stella Ferreira
 A literatura indígena nas editoras comerciais brasileiras /
 Stella Ferreira Leite. – Belo Horizonte : Faculdade de Letras da
 UFMG, 2019.
 62 p.: il. (color) (p&b) + 1 CD-ROM. – (Viva Voz)

 Inclui referências.

 ISBN: 978-85-7758-358-4 (digital).
 ISBN: 978-85-7758-357-7 (Impresso).

1. Literatura indígena brasileira – História e crítica. 2.
Editoração. 3. Editoras particulares – Brasil. 4. Editores e edição –
Brasil. I. Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de
Letras. II. Título. III. Série.

CDD : 070.5



As publicações Viva Voz acolhem textos de alunos e professores da Faculdade de Letras, especialmente aqueles produzidos no âmbito das atividades acadêmicas (disciplinas, estudos e monitorias). As edições são elaboradas pelo Laboratório de Edição da FALE/UFMG, constituído por estudantes de Letras - bolsistas e voluntários – supervisionados por docentes da área de edição.

Composto em caracteres Verdana e impresso a *laser* em papel reciclado 75 g/m² (miolo). Acabamento em kraft 420 g/m² (capa) e costura artesanal com cordão encerado.